

Editorial

Se o tempo é a referência, estamos no final/início de milênio. Se o espaço também o é (na sua fração menor), o lugar é a Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás. Contudo, quando redimensionamos os conceitos de tempo e de espaço, para produzir um tempo social-histórico, surpreendemo-nos vivendo em uma sociedade global que, para traduzi-la de uma forma simplista, podemos afirmar que é, hoje, sinônimo de “globalização da economia” (ou do capital) e de “mundialização da cultura”.

Vivemos a inquietante “era de incerteza”, como diria o cientista social Milton Greco (1994), uma espécie de mundo surrealista, onde a estética se expressa, muitas vezes, na superposição de estilos, de modelos teóricos e de epistemologias, de ambientes tecnológicos. Para torná-la mais amena (e criativa), é necessário perceber (e sentir) o “outro”. Esta percepção do outro, deve ser entendida aqui como a “falta do objeto” (do desejo) - que, evidentemente, é apenas “um outro aspecto de existir do próprio objeto” - é sustentação da criação psíquica. Se usamos como metáfora o sentimento do artista, durante o seu ato de criação, é possível acreditar que aquela angustiante sensação de falta - “que faz do objeto, o objeto do desejo - que se exprime de forma intensa na sua obra” (Cornelius Castoriadis, 1982), também motiva o cientista a produzir conhecimentos novos. No intrigante jogo entre real e virtual, vida e arte, podemos compartilhar um novo mito - o mito do “homem novo”, que faz nascer uma “nova ciência”.

Assim, é possível (e recomendável) descobrir o “outro lado da ciência”, o “outro lado da filosofia”, o “outro lado de todos os conhecimentos”, para não se correr o risco de estar veiculando conhecimentos “certos” numa era de incerteza. É fundamental que a divulgação da produção de conhecimentos, inclusive o científico, seja vista como uma simples atividade humana sujeita a todos os percalços próprios de quaisquer atividades humanas.

A Academia, ao buscar re-afirmar a sua identidade, precisa, sem pretendermos aqui submetê-la a modismos ou a qualquer espécie de misologia, inaugurar uma nova relação com o seu tempo, entendendo-se

aqui o tempo “não reduzido às necessidades de demarcação (...), mas como um tempo verdadeiro (...), tempo da explosão, da emergência, da criação: o tempo social-histórico”, como o proclama, com tanta propriedade, Cornelius Castoriadis.

É sob a égide desse novo tempo que lançamos o primeiro número de nosso periódico *Comunicação & Informação* buscando, talvez, uma nova forma de sociabilidade, cujo propósito é também tornar públicas as diversas práticas discursivas de nosso corpo docente e procurar construir novas redes de relações com a comunidade científica. Reiteramos, ademais, o nosso compromisso com a difusão de conhecimentos científicos, estimulando a formação de jovens pesquisadores.

Por outro lado, temos a clareza de que, quando vistas setorialmente, como tem sido o caso do Brasil, as políticas de ciência e tecnologia (quando elas existem) quase sempre têm caráter compensatório, deixando de estar devidamente articuladas com as políticas econômicas, até porque, como diria Fernando Lefèvre (1994), “a desarticulação, ou articulação assimétrica, faz parte da própria definição do sistema, sobrando para o ‘social’ [incluindo as atividades de pesquisa] a missão de minimizar os efeitos de um modelo econômico socialmente excludente”.

Finalmente, podemos dizer, em comunhão com o geógrafo e intelectual Milton Santos (1997), que é desejável (e possível) que se tenha acesso a um saber produzido por uma

ciência que realize a ruptura com o senso comum, erigindo um conhecimento com o máximo rigor e objetividade. Mas que, num segundo momento, estabeleça o seu reencontro com o senso comum, buscando uma nova relação entre ambos, onde juntos, [possam conformar] algo de novo. E algo que seja uma colocação do conhecimento produzido num registro pragmático, finalista e utilitário, mas eticamente sustentável, do ponto de vista social.

Com um senso comum “esclarecido” e uma ciência prudente (não arrogante), que expresse uma nova configuração do saber, é possível construir um “conhecimento prático [plural] que dê sentido e orientação à existência e crie o hábito de decidir bem” (Milton Greco, 1994).

Esta é, também, a crença (e o desafio) da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás.

Goiânia, janeiro de 1998.

Maria Auxiliadora Andrade de Echegaray
Diretora da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia
E-mail: cizinha@lri.facomb.ufg.br